

# METAMORFOSES, POEMA DE GERTRUD KOLMAR: UMA TRADUÇÃO COMENTADA



MARCUS TULIUS FRANCO MORAIS

**Resumo:** A partir da tradução do poema *Verwandlungen*, de Gertrud Kolmar, “Metamorfoses”, procuro evidenciar algumas escolhas de tradução e trazer à luz uma das poetisas de expressão alemã mais profícuas do século XX europeu.

**Palavras-chave:** Gertrud Kolmar; *Verwandlungen*; Tradução de poesia.

**Abstract:** Following the translation of the poem *Verwandlungen*, by Gertrud Kolmar, “Metamorfoses”, I discuss some of my translation choices and bring to fore one of the most prolific female poets of German expression of the 20<sup>th</sup> century.

**Keywords:** Gertrud Kolmar; *Verwandlungen*; Poetry translation.

Entre 2001 e 2005 morei em Paraty, Rio de Janeiro, terra natal de Júlia da Silva Bruhns, mãe de Heinrich e Thomas Mann. Assim que cheguei à cidade, soube que ali vivia uma senhora idosa, editora e detentora dos direitos autorais de uma poetisa alemã. Fiquei curioso e quis me informar. Seu nome, Sabine Wenzel, logo me chegou aos ouvidos. Bati na porta de sua casa – o Atelier Sabine –, na Rua do Comércio, no coração da cidadezinha colonial, e fui atendido delicadamente pela própria senhora Wenzel. Depois de residir na Suíça, em Nova York, Londres, Paris, na Líbia, e trabalhar na Maurítânia, na Coreia do Norte e em Burundi como funcionária da ONU, escolheu ela essa pequena enseada colorida aos pés da Mata Atlântica. Em sua presença, rapidamente fui me inteirando da história da vida de uma de suas tias, Gertrud Kolmar, que termi-

nou seus dias em um campo de concentração na década de 1940. Elise, mãe de Gertrud, era tia de Walter Benjamin, um dos primeiros admiradores da obra de sua prima Gertrud.

Gertrud Kolmar nasceu e cresceu em Berlim, desde 1894, e morreu no Campo de Concentração de Auschwitz em 1943. Seus pais gostavam de ler, escrever, de teatro e de leitura à mesa de refeição. O pai escrevia e publicava contos. Em 1917, sem o conhecimento da filha, procurou uma editora e publicou o primeiro livro dela, *Im Herbst (No Outono)*, pela Editora *Egon Fleischel und Co.* Em Berlim, dezessete anos depois, foi publicado *Preußische Wappen (Brasões prussianos)*, pela *Rabenpresse*. Em 1936, três poemas de Kolmar saíram num jornal do Clube do Livro Judaico, e em 1938 a reunião de poemas *Die Frau und die Tiere (A mulher e os animais)* foi lançada pela *Jüdischer Buchverlag Erwin Loewe*. Mesmo com suas publicações, Gertrud Kolmar nunca fez parte do cenário literário berlinense. Pode-se ler seu isolamento e solidão em seu verso:

*Ich will die Nacht um mich ziehn als ein warmes Tuch*  
(Quero envolver a noite em mim feito manto quente)

Kolmar leu os poetas simbolistas franceses, principalmente Charles Baudelaire. De Rainer Maria Rilke, disse tê-lo próximo, ainda que o tenha conhecido tarde, a ponto de não crer ter chegado a influenciá-la em seu trabalho. Disse também: *Die Lutherbibel las ich mein ganzes Leben Lang*, “li a Bíblia, de Lutero, durante toda a minha vida” (*apud* HAHN, 1983, p. 174).

Ela faz parte de uma constelação de escritoras e poetisas que desapareceram nos campos de extermínio. Em 1989, a Editora *Pahl-Rugenstein* publicou *Verbrannt, verboten, vergessen – Kleines Lexikon deutschsprachiger Schriftstellerinnen 1933 bis 1945 (Queimadas, proibidas, esquecidas – Pequeno dicionário de escritoras de língua alemã, de 1933 a 1945)*, de Renate Wall. A obra apresenta cento e cinquenta bio-bibliografias de mulheres que nesse período foram vítimas da política racial do Terceiro Reich. Muitas morreram prisioneiras em campos de trabalhos forçados; outras, que conseguiram fugir, morreram no olvido do exílio. Esse tema perdura até os dias de hoje como um capítulo da literatura de expressão alemã pouco lembrado.

A obra de Gertrud Kolmar é compacta: o romance *Die jüdische Mutter (A mãe judia)*, escrito em 1930/31; a novela *Susanna*, escrita após os eventos da Noite dos Cristais<sup>12</sup> – a terceira noite de Walpurgis, como disse Karl Kraus –, de 9 a 10 de novembro de 1938; e três dramas: *Cécile Renault, peça em quatro atos*

<sup>1</sup> “Pogrom nazista organizado contra a comunidade judaica na Alemanha e na Áustria em 9 de novembro de 1938. Em alemão, é chamado de “Kristallnacht”. O nome deriva das vitrines de lojas e vitrais de sinagogas destruídos naquela noite pela turba nazista. É considerado por vários historiadores como o prenúncio do Holocausto. A Noite dos Cristais foi uma represália organizada pelo governo nazista ao assassinato do diplomata nazista Ernst von Rath, em Paris, por Hershel Grynszpan, jovem judeu, cuja família havia sido expulsa da Alemanha em 1938.” Disponível em: <<http://www.conib.org.br/glossario.asp?id=79>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

<sup>2</sup> Pogrom: palavra russa que significa “causar estragos, destruir violentamente”, os pogroms eram ataques maciços e organizados contra comunidades inteiras, que destruíam casas, lojas e templos religiosos. Disponível em: <<http://www.conib.org.br/glossario.asp?id=84>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

(1934/35), sobre a Revolução Francesa, escrita na tradição de Georg Büchner; *Romain Rolland*, escrito no contexto do ciclo de poemas *Robespierre*, mas que continua guardado nos arquivos de Marbach, na Alemanha, onde se encontra o espólio da autora; e *Nacht. Dramatische Legende in vier Aufzügen* (*Noite. Lenda dramática em quatro atos*), escrito em 1938, que trata de um episódio da vida do imperador romano Tibério, que sacrifica aos deuses de propósito, mas sem propósito, a vida de uma jovem judia. A peça só foi publicada em 1994. Prosa pouco conhecida do público, é sua obra que granjeou reconhecimento nos meios literários. Já sua obra poética consiste de quatrocentos e cinquenta poemas: *Weibliches Bildnis* (*Retrato feminino*), *Tierträume* (*Sonhos de animais*), *Kind* (*Criança*), *Bild der Rose* (*Imagem da rosa*), *Napoleon und Marie* (*Napoleão e Maria*), *Robespierre*, *Altes Stadtwappen* (*Antigo brasão municipal*), *Welten* (*Mundos*), *Frühe Gedichte – 1917-22* (*Primeiros poemas – 1917-22*), *Das Wort der Stummen – 1933* (*A palavra dos mudos – 1933*). Em 1955, Jacob Piscard editou *Das lyrische Werk* (*A obra lírica*).

Dos poemas, ecoa uma voz de indignação e impotência, revelada por imagens simbólicas. Uma tristeza infinda transcende e clama por esperança para si própria e para toda a humanidade. A poetisa mergulha sua pena nas tintas do Expressionismo para falar da atmosfera turbulenta dos seus dias. Os versos carregam traços do começo do século com seu lirismo elegíaco, marcado por intenções melancólicas, às vezes desesperadas, evocando imagens espantosas. Com sua sintaxe singular, as frases vão se superpondo e ocultando o sentido das palavras; desnudando, porém, uma biografia sob uma vegetação rara.

Na residência de Sabine Wenzel, à medida que eu folheava exemplares e documentos da escritora, versos e falas iam surgindo e se insinuando em minha mente. Eu quis me assenhorear dessas imagens e dos versos; melhor, eu quis me entregar a sua linguagem, a esse eu lírico que se entrega sem reservas, imoderadamente, a essa linguagem; que se oferece como excesso, como luta, como se ela, a linguagem, fosse uma amante.

Um dos primeiros poemas que li, logo que abri uma das edições, foi *Verwandlungen, “Metamorfoses”*. Os versos rimados e cheios de imagens complexas e visões causaram-me espanto principalmente por sua estrutura que conduz a um eu lírico afeito a experimentações, recordações e, pois, metamorfoses. Pretendi na tradução do poema manter diálogo entre o tempo da poetisa, nosso tempo e outros tempos. Tive em conta fazer esse “eu” reviver em nossa língua. Percebendo a sonoridade alemã, quis moldar sonoridades na tradução, usando ritmos livres. Minha tradução tem dois objetivos: primeiro, colmatar uma lacuna existente (a obra de Gertrud Kolmar); segundo, oferecer ao leitor de língua portuguesa o gozo da poesia de Kolmar. Assim, vamos à leitura do original em alemão e da tradução ao português:<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Uma primeira versão em português do poema foi publicada na Revista 18 do Centro da Cultura Judaica (Ano IV – número 19 – Fevereiro / Março / Abril 2007) junto de um artigo assinado por mim.

## VERWANDLUNGEN

*Ich will die Nacht um mich ziehn als ein warmes Tuch  
Mit ihrem weißen Stern, mit ihrem grauen Fluch,  
Mit ihrem wehenden Zipfel, der die Tagkrähen scheucht,  
Mit ihren Nebelfransen, von einsamen Teichen feucht.*

*Ich hing im Gebälke starr als eine Fledermaus,  
Ich lasse mich fallen in Luft und fahre nun aus.  
Mann, ich träumte dein Blut, ich beiße dich wund,  
Kralle mich in dein Haar und sauge an deinem Mund.*

*Über den stumpfen Türmen sind Himmelswipfel schwarz.  
Aus ihren kahlen Stämmen sickert gläsernes Harz  
zu unsichtbaren Kelchen wie Oportowein.  
In meinen braunen Augen bleibt der Widerschein.*

*Mit meinen goldbraunen Augen will ich fangen gehn,  
Fangen den Fisch in Gräben, die zwischen Häusern stehn,  
Fangen den Fisch der Meere: und Meer ist ein weiter Platz  
Mit zerknickten Masten, versunkenem Silberschatz.*

*Die schweren Schiffsglocken läuten aus dem Algenwald.  
Unter den Schiffsfiguren starrt eine Kindergestalt,  
In Händen die Limone und an der Stirn ein Licht.  
Zwischen uns fahren die Wasser; ich behalte dich nicht.*

*Hinter erfrorener Scheibe glühn Lampen bunt und heiß,  
Tauchen blanke Löffel in Schalen, buntes Eis;  
Ich locke mit roten Früchten, draus meine Lippen gemacht,  
Und bin eine kleine Speise in einem Becher von Nacht.*

## METAMORFOSES

Quero envolver a noite em mim feito manto quente  
com sua estrela branca, com sua maldição cinza,  
com sua cauda ao vento afugentando os cantos dos galos,  
com suas franjas de bruma úmida dos lagos solitários.

Suspensa na viga rija feito morcego,  
caio solta no ar pronta para voar.  
Homem, sonhei teu sangue, te mordo, te firo,  
me agarro ao teu cabelo, te sorvo a boca.

Acima das torres foscas os cimos do céu são negros.  
De seus troncos nus goteja resina vítrea  
em taças invisíveis, qual vinho do Porto.  
Nos meus olhos castanhos fica a imagem refletida.

Com meus olhos castanhos dourados quero ir à caça  
pegar o peixe nas valas que há entre as casas,  
pegar o peixe dos mares: o mar é um vasto lugar  
com mastros quebrados, argento naufragado.

Os sinos pesados do barco ressoam do bosque de algas.  
Entre as carrancas do barco, uma, de criança, se espanta,  
nas mãos o limão e na frente uma luz.  
Entre nós, as águas; eu não te guardo.

Atrás da vidraça gelada ardem lâmpadas coloridas,  
colheres brilhantes mergulham nas taças, sorvete colorido;  
eu fisgo com frutas vermelhas, com lábios de fruta,  
eu sou uma pequena iguaria em um cálice de noite.

No que segue, apresento alguns comentários sobre a tradução do poema, em que revelo e justifico minhas escolhas. De início, vale mencionar que, de 1928 a 1938, Gertrud viveu em Finkenkrug, perto de Berlim. A casa com seu jardim, árvores e animais possibilitou à poetisa observações da natureza, despertando-lhe sentimentos e impressões sensoriais:

*Ich will die Nacht um mich ziehn als ein warmes Tuch.*  
“Quero envolver a noite em mim feito manto quente.”

Nas imagens poéticas, as impressões sensoriais, as percepções são destituídas de suas designações convencionais e, com isso, alheias ao mundo das aparências. Surge um sentimento de unidade entre a pessoa e a natureza, quando um eu lírico aflui ao mundo exterior, que, por sua vez, volta-se a esse eu. Todos os contornos visíveis transformam-se em impressão interna, as impressões do mundo exterior impregnam o corpo da escritura, transformando-o, metamorfoseando-o, estendendo-o como paisagem até a dissolução. A poetisa experimenta a capacidade de se transformar em animais, plantas, objetos; de dar vida às coisas mortas. Os limites e fronteiras são suprimidos; os antagonismos, unidos. Ela une vislumbres exteriores com visões interiores em uma síntese singular. Daí surgem mundos que não são desse mundo.

Para traduzir versos assim, minha ideia foi restituir imagens fônicas do que me soa como sendo a poesia de Gertrud Kolmar. Atento para a camada fônica do

original, busco cuidar dos versos sem arbitrariedades, buscando a sonoridade alemã. Assim: o título *Verwandlungen* evoca os tristes seres de Ovídio e deixa claro que não se trata de simples comparações ou metáforas; em Kolmar é algo que surge de dentro do ser, *Wesen*, em alemão, “essência”, “algo essencial”, para tanto, optamos por “Metamorfofos”: “feito morcego”. Em minha tradução para o português sacrifiquei algo da rima original do poema; porém, seu sentido metafórico é preservado, e tento manter sua intensa musicalidade. As perdas sonoras das rimas AA/BB, (*Tuch/Fluch, scheucht/feucht*), tento compensar com rimas internas: “manto”, por passar a ideia de “quente”, e conter a consoante “t”, gerando uma aliteração no verso, “feiTo manTo quenTe”; também no terceiro verso, vENTO afugENTANdo os cANTos. No sexto verso, “ar” e “voar”, “caio solta no AR pronta para VOAR”. *In meinen goldbraunen Augen bleibt der Widerschein*, “Nos meus olhos castanhos fica a imagem refletida.” *Widerschein*, “reflexo”, em Kolmar, é vertigem, paixão, violência, aflorando na retina de seus olhos, em minha interpretação e levando em conta as circunstâncias do poema, “a imagem refletida”: um olhar fixo vislumbrando a morte. No verso *Zwischen uns fahren die Wasser; ich behalte dich nicht*, “Entre nós, as águas; eu não te guardo”, em português elide o verbo *fahren*, “viajar”, “conduzir”, “ir”, por entender que o substantivo plural “águas” já dê a ideia de movimento, “Entre nós, as águas”. No mesmo verso, o motivo do “abandono”, “ausência” (do filho? do homem?), “eu não te guardo”. Em outro momento de sua lírica: *Ich trage ein Kind und weiß nicht mehr, wessen; / Einmal hab ichs gewußt*, “Carrego uma criança e não sei de quem; / já o soube um dia” (HAHN, 1983, p.136). Também na última estrofe tento compensar as rimas AA/BB por aliterações, como “ATRás da viDRAça gelaDa aRDem lâmpadas coloridas”. E ainda: “colLHeres briLHantes merguLHam”. No verso *Ich locke mit roten Früchten, daraus [sind] meine Lippen gemacht*, o mesmo que *Ich locke mit roten Früchten, woraus [aus denen] meine Lippen gemacht [sind]*, como compreendo a frase linguisticamente, Gertrud brinca com a sintaxe alemã causando estranhamento. Para o tradutor alemão de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, Curt Meyer-Clason, o segredo da tradução é fazer das cores da estranheza algo reconhecível.<sup>4</sup> O sentido do verso seria como o de “um anel de ouro”, “um coração de gelo”, assim como seus lábios são feitos de frutas vermelhas. Em minha escolha de tradução, “Eu Figo com FRutas vermelhas, com lábios de FRuta”, além do jogo aliterativo, o da sensualidade, por vezes extremada em Kolmar: “Homem, sonhei Teu sangue, Te mordo, Te firo, / me agarro ao Teu cabelo, Te sorvo a boca”, que quer responder a *Mann, ich träumte dein Blut, ich beiße dich wund, / Krallen mich in dein Haar und sauge an deinem Mund*.

*Als ein warmes Tuch* aparece em vez de *Wie ein warmes Tuch*, “como um ‘manto’, ‘pano’ quente”. A expressão é menos usual; minha opção foi, então, “feito manto quente”. Também assim em *als eine Fledermaus*; em alemão seria “wie eine Fledermaus”, mas ela troca “wie” por “als”, que causa um certo estranhamento; é mais que uma simples comparação; parece, de fato, uma identificação, uma espécie de metamorfose; por isso, optei por “feito” de novo, “feito morcego”. De igual mo-

<sup>4</sup> Ver: <<http://www.substantivoplural.com.br/tradutor-curt-meyer-clason-completa-100-anos/>>. Acesso em 20 jun. 2013.

do, chamou-me a atenção o *und Meer ist ein weiter Platz*, “e mar é um vasto lugar”. Isso causa espanto, não só por causa do artigo ausente (“o” mar), mas pelo substantivo *Platz*, que evoca a imagem de uma “praça”, de um “largo”, uma imagem bem estranha; por isso achei melhor “lugar” que “espaço”. E opto por “vasto” em vez de “longe” para *weit*, pois “longe” é distante; aqui, como o entendo, é “vasto”. Para o substantivo composto *Silberschatz*, (*Silber*, “prata” e *Schatz*, “tesouro”), “tesouro de prata”, temos, em português, o substantivo “argento”, que, seguindo uma sugestão dos dicionários Aulete e Houaiss, significa o elemento químico “prata”, assim como “moeda”, “qualquer montante em dinheiro”, de forma que um único substantivo em português, “argento” pode evocar a ideia de “tesouro” e “prata” ao mesmo tempo. No segundo verso da quinta estrofe, lemos: *Unter den Schiffsfiguren starrt eine Kindergestalt* (“entre as carrancas do barco, uma, de criança, se espanta”). *Schiffsfiguren*, o substantivo composto formado por *Schiff*, “navio”, “embarcação”, “barco”, e *Gestalt*, “forma”, “vulto”, “figura”, remete à (imagens?) ideia de seres vivos, seres humanos, seres mitológicos, e, entre eles, há um vulto de criança, de menino, quiçá a lembrança viva do trauma e da dor da perda do filho que o tempo não consegue acalmar. A biografia da escritora apresenta esse fato marcante em sua vida: no final de 1916, grávida de um oficial de quem se tornara amante – Karl Jodel – ela foi obrigada a interromper o processo de gestação, provocando a morte do rebento. Em sua obra, a exemplo do verso acima, é recorrente o motivo da culpa.

No final do poema, Kolmar usa o verbo *locken*, “pegar”, “apanhar (em armadilha)”, com uma certa porção de desejo, “fisgar” (“seduzir?”), mas que implicaria em um complemento direto, um possível “tu”, que não aparece no verso em alemão. Um possível “tu”, que não se faz presente. Primeiramente, pensei em “eu te seduzo” ou “eu te fisgo”, mas decidi-me, tal qual no original, pela ausência do pronome. Será que esse “tu” ausente no torvelinho da cidade denota a solidão perturbadora de um “eu”, a ausência do Outro, a quem se dirigir? Solitária, sob os reflexos dos salões espelhados, o eu lírico flana. Ainda que fosse prima de Walter Benjamin, Gertrud Kolmar não circulava pelos salões berlinenses da cena literária, não participou dos debates literários de seu tempo. *Sou uma mulher triste há muito tempo*, escreveu Gertrud Kolmar à irmã Hilde em uma de suas *Briefe an die Schwester Hilde* publicadas pela Kösel-Verlag, em 1970. Com a ascensão do Nacional-Socialismo, em 1933, preferiu a emigração interior, e se entregou ao estudo do judaísmo e de sua língua sagrada, o hebraico. Seus familiares puseram-se a caminho do exílio em direção à Suíça, ela e o pai ficaram até o momento do desastre. Hoje, seu nome encontra-se registrado no cartório de Berlin-Schönefeld como “Gertrud Chodziesner, sem profissão, solteira, alemã, residente na Speyrer Strasse 10, Berlin-Schöneberg”. Sob o número 52095 é declarada morta.

A última metamorfose do poema se revela no verso derradeiro: *und bin eine kleine Speise in einem Becher von Nacht*. O substantivo alemão *Speise*, “comida”, “prato”, refeição” ou, ainda, “iguaria” (comida delicada e/ou apetitosa; manjar delicado, apetitoso; qualquer comida preparada, podendo significar também, num sentido figurado, “objeto de motejo”). O substantivo sonoramente delicado cai, ao meu ver (traduzir), como uma luva no verso, “sou uma pequena iguaria em um cálice de noite”.

Em uma carta à irmã Hilde (1970), escreveu Gertrud Kolmar: “Hoje eu sei, mesmo sem os críticos, o valor que tenho como poetisa... E que tive de pagar um preço muito alto para a realização de minha obra.” A obra mencionada deve ser lida no contexto de outras escritoras judias-alemãs, como Else Lasker-Schüler, Nelly Sachs e Rose Ausländer, cuja herança judaica é um aspecto fulcral em suas obras. Quem sabe aqui o poema “Metamorfoses” possa despertar o interesse de novos leitores pela obra d’A clarividente Gertrud Kolmar” (*Die Hellsichtige Gertrud Kolmar*), como escreveu Nelly Sachs no ciclo de poemas *Grabschriften in die Luft geschrieben* (Epitáfios escritos no ar):

[...]

*Wo für uns noch der Abend war,  
sahst du schon Ewigkeit.*

“Onde para nós era ainda a noite,  
tu já vias eternidade.”

**Marcus Tullius Franco Morais**

*ugrino2000@bol.com.br*

*Doutorando, Universidade Federal de Santa Catarina*

### Referências bibliográficas

- HAHN, Ulla. *Gertrud Kolmar – Gedichte*. München: Suhrkamp, 1983.
- KOLMAR, Gertrud. *Im Herbst*. Berlin: Egon Fleischel & Co., 1917.
- KOLMAR, Gertrud. *Gedichte*. Berlin: Fleischel & Co., 1917
- KOLMAR, Gertrud. *Preußische Wappen*. Berlin: Die Rabenpresse, 1934.
- KOLMAR, Gertrud. *Die Frau und die Tiere*. Berlin: Jüdischer Buchverlag Erwin Löwe, 1938.
- KOLMAR, Gertrud. *Welten*. Berlin: Suhrkamp, 1947.
- KOLMAR, Gertrud. *Das lyrische Werk*. Heidelberg, Darmstadt: Lambert Schneider, 1955.
- KOLMAR, Gertrud. *Das lyrische Werk*. München: Kösel, 1960.
- KOLMAR, Gertrud. *Frühe Gedichte – 1917-22. Wort der Stummen – 1933*. Berlin: Kösel-Verlag, 1960.
- KOLMAR, Gertrud. *Briefe an die Schwester Hilde*. Berlin: Kösel-Verlag, 1970.
- KOLMAR, Gertrud. *Das Wort der Stummen*. Berlin: Der Morgen, 1978.
- KOLMAR, Gertrud. “Weibliches Bildnis”. In: *Gertrud Kolmar / Gedichte*. Hahn, Ulla (org.). München: Suhrkamp, 1983, p. 9-45.
- KOLMAR, Gertrud. “Tierträume”. In: *Gertrud Kolmar / Gedichte*. Hahn, Ulla (org.). München: Suhrkamp, 1983, p. 49-61.
- KOLMAR, Gertrud. “Kind”. In: *Gertrud Kolmar / Gedichte*. Hahn, Ulla (org.). München: Suhrkamp, 1983, p. 65-70.
- KOLMAR, Gertrud. “Bild der Rose”. In: *Gertrud Kolmar / Gedichte*. Hahn, Ulla (org.). München: Suhrkamp, 1983, p. 73-74.
- KOLMAR, Gertrud. “Napoleon und Marie”. In: *Gertrud Kolmar / Gedichte*. Hahn, Ulla (org.). München: Suhrkamp, 1983, p. 77-79.
- KOLMAR, Gertrud. “Robespierre”. In: *Gertrud Kolmar / Gedichte*. Hahn, Ulla (org.). München: Suhrkamp, 1983, p. 83-94.
- KOLMAR, Gertrud. “Alte Stadtwappen”. In: *Gertrud Kolmar / Gedichte*. Hahn, Ulla (org.). München: Suhrkamp, 1983, p. 97-116.
- KOLMAR, Gertrud. *Susanna*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993.
- KOLMAR, Gertrud. *Die jüdische Mutter*. Göttingen: Wallstein, 1999.
- KOLMAR, Gertrud. *Nacht. Dramatische Legende in vier Aufzügen*. Düsseldorf: Düsseldorfer Schauspielhaus, 2000.
- KOLMAR, Gertrud. “Cécile Renault”. In: *Die Dramen*. Regina Nörtemann (org.). Göttingen: Wallstein, 2005.
- KOLMAR, Gertrud. *Die Dramen*. Regina Nörtemann (org.). Göttingen: Wallstein, 2005.
- PISCARD, Jacob. *Das lyrische Werk Gertrud Kolmars*. Berlin: Kösel-Verlag, 1955.
- SACHS, Nelly. “Grabschriften in die Luft geschrieben”. In: *In den Wohnungen des Todes*. Berlin: Aufbau-Verlag, 1947.
- WALL, Renate. *Verbrannt, verboten, vergessen. Kleines Lexikon deutschsprachiger Schriftstellerinnen 1933 bis 1945*. Köln: Pahl-Rugenstein, 1988.